

A relação Portugal – Timor-Leste nos discursos do Presidente e na imprensa

RAMOS, RUI
rlramos@ie.uminho.pt

PALAVRAS-CHAVE:
discurso político;
discurso presidencial;
imprensa;
Timor-Leste.

KEYWORDS:
political discourse;
presidential speech;
press;
East-Timor.

Professor Auxiliar da Universidade do Minho, Portugal

RESUMO: O Presidente da República Portuguesa, Aníbal Cavaco Silva, efetuou entre 20 e 22 de maio de 2012 uma visita oficial a Timor-Leste, coincidente com as comemorações dos 10 anos de independência do país.

Durante a sua estadia, o Presidente proferiu um conjunto de sete discursos oficiais. Estes manifestam um ponto de vista, oficial e pessoal, sobre a relação passada, presente e futura entre Portugal e Timor-Leste. Enquanto discursos institucionais, modelam o relacionamento entre as duas nações e encerram o potencial de, circulando na esfera pública, se cruzarem com outros discursos, aproximarem do cidadão comum uma realidade fisicamente distante e reificarem entidades intangíveis, como a partilha cultural e histórica e as perceções de comunhão entre os dois povos.

A imprensa portuguesa acompanhou a visita oficial, tendo contextualizado e reconfigurado esses discursos.

O presente texto elabora uma análise das grandes linhas de desenvolvimento dos discursos do Presidente, dos seus topoï mais salientes e da sua retórica inerente, e identifica quais os traços mais relevantes da modalização jornalística efetuada por dois jornais nacionais sobre a situação política, económica e social timorense e sobre os discursos presidenciais.

ABSTRACT: The President of Portugal, Aníbal Cavaco Silva, performed between 20 and 22 May 2012 an official visit to East-Timor, coinciding with the celebrations of 10 years of independence of this country.

During his stay, the President issued a set of seven official speeches. These express an official and personal point of view on the past, present and future relationship between Portugal and East-Timor. While institutional discourses, they shape the relationship between the two nations and as they circulate in the public sphere, they incorporate the potential to intersect with other discourses, to approach distant reality to the common citizen and to reificate intangible entities such as shared culture and history and the perceptions of empathy between the two peoples.

The Portuguese press followed the official visit, as they contextualized and reconfigured these discourses.

This paper performs an analysis of the main lines of development of the President's speeches, their salient topoï and their inherent rhetoric, and identifies the most noticeable results of modalisation of journalism done by two national newspapers on the political, economic and social Timorese state of affairs and on the presidential speeches.

1. INTRODUÇÃO

A referência a Timor-Leste não é alheia à generalidade dos portugueses. Poderemos mesmo afirmar que a maioria dos adultos tem algum conhecimento sobre a situação genérica da antiga colónia. Os timorenses e a imagem de Timor colhem até, da generalidade da opinião pública nacional, uma apreciação positiva. É frequente encontrar-se nas escolas nacionais e em associações, organizações religiosas ou empresas exposições sobre Timor-Leste, atividades de divulgação, encontros com dirigentes timorenses, etc. Ao nível da política externa portuguesa, é dos poucos tópicos de quase unânime concordância entre as várias forças parlamentares. Contudo, só uma insignificante percentagem da população alguma vez pisou o solo de *rai Timor* ou contactou pessoalmente com a realidade local timorense. Esta é, como outras na nossa esfera pública, uma realidade construída pela palavra, materializada nos discursos que circulam no espaço público, pelos testemunhos partilhados, pelas imagens comentadas, pelas notícias construídas, em *segunda mão*. Aqui, os *media* têm um papel de grande relevo, ao configurar sentidos, agendarem o social, mobilizarem vontades, criarem o real.

Estas não são afirmações sobre um fenómeno novo, mas correspondem ao que Halliday (2001) refere como “construtivismo linguístico”, ou o poder da linguagem verbal para modelar a nossa consciência e fornecer a cada indivíduo a teoria que subjaz à sua interpretação e manipulação das coisas e dos seus estados. De outra forma, poderá afirmar-se que a língua, efetivada em discurso, é um sistema modelizante primário, ou uma “*forma de vida, pedra angular na / da cognição e nas / das práticas sociais*” (Fonseca, 1998, p.7)¹. Nunca neutra e sempre necessariamente marcada por um ponto de vista, determinado pela apropriação individual do sistema da língua.

1. Noutro texto, Fonseca afirma que os “objetos da realidade” não surgem ao homem como realidades isoladas, mas são integrados em complexos de relações; e que “tal decorre da apreensão cognitiva, da ordenação intelectual a que submetemos o mundo, ou seja, da *conceptualização* do que nos rodeia e do que experimentamos” (1993, p.185). Outros investigadores convergem nesta conceção. Condor e Antaki, por exemplo, afirmam: “The claim here is that people keep in their heads fairly well-articulated plans of routine situations and their attendant behaviours. These plans not only click into operation to make life run smoothly but are ever-available (...) ways of construing the social world, disposing us to image reality as moulded in just such ways” (1997, p 326-327).

1. CORPUS E METODOLOGIA

O *corpus* de análise deste estudo é divisível em duas partes.

A primeira delas integra os sete discursos² que o Presidente da República de Portugal proferiu durante a sua visita de Estado a Timor-Leste, entre 20 e 22 de maio de 2012, disponíveis no sítio da Presidência da República Portuguesa (www.presidencia.pt):

D1: num banquete de Estado no palácio presidencial;

D2: na cerimónia que assinala a construção da futura chancelaria e centro cultural da Embaixada de Portugal em Díli;

D3: no Parlamento Nacional de Timor-Leste;

D4: num almoço oferecido a empresários portugueses e timorenses;

D5: na receção de retribuição e em honra da comunidade portuguesa e da sociedade timorense;

D6: na cerimónia de abertura da feira do livro de Díli;

D7: na cerimónia de condecoração pela ONU do contingente da GNR em Timor-Leste.

A segunda parte do *corpus* é constituída por um conjunto de 18 peças jornalísticas (títulos e chamadas de primeira página, notícias, reportagens, artigos de opinião, infogravuras, breves) sobre Timor-Leste publicadas entre 19 e 22 de maio nos diários *Público* e *Correio da Manhã*, respetivamente um jornal de referência e um jornal popular de divulgação nacional.

Recorrendo aos pressupostos teóricos da Análise do Discurso, na sua formulação moderna, com particular relevo para as questões enunciativas e pragmáticas, e usando os instrumentos e metodologias de análise típicos deste ramo da linguística, é propósito deste estudo analisar a retórica própria destes textos, nos seus pontos mais salientes, os modos de construção discursiva do real e aspetos da transposição mediática dos discursos presidenciais para a esfera pública nacional.

2. Por razões metodológicas, os discursos são referenciados de forma abreviada de D1 a D7.

2. ANÁLISE E DISCUSSÃO

2.1. OS DISCURSOS DO PRESIDENTE

Começar-se-á por assinalar nos discursos presidenciais aquilo que é óbvio: trata-se de discursos fortemente marcados por contingências institucionais quanto à sua configuração interna, assim como quanto ao seu funcionamento pragmático, em virtude de pertencerem a uma ordem de discurso explicitamente formalizada. A procura de novidade ou individualidade parece estar comprometida à partida.

Uma mera análise de conteúdo facilmente identificará alguns dos temas centrais abordados: a história partilhada, o reconhecimento da hospitalidade e da simpatia timorense, a importância da língua portuguesa na partilha e na união entre os dois povos, as promessas de cooperação, o estado de evolução da democracia em Timor-Leste. Mas uma análise mais atenta, que tenha em consideração a sua materialidade linguística, permite desconstruir o discurso presidencial e identificar traços e tópicos recorrentes que manifestam alguma especificidade.

Como foi referido, um deles é a evocação da história partilhada entre os povos. Trata-se de um tópico sem particular novidade, mas que assume algum relevo porque se inscreve em duas linhas de desenvolvimento sistemático no *corpus*: a partilha de valores e afetos e a cooperação passada, presente e futura. Com as duas cruzam-se outras dimensões e da sua análise resultam considerações analíticas de outro nível de profundidade da construção discursiva.

2.1.1. AFETOS E VALORES

A partilha de afetos é desenhada como bidirecional. Por um lado, o Presidente mostra-se particularmente sensibilizado pela calorosa receção recebida por parte das autoridades e do povo timorense. Não seria de esperar uma situação diferente, nem um discurso diferente de Cavaco Silva. O que há a assinalar é a reiteração e o tom intenso que retratam o afeto:

(1) É com uma viva satisfação que eu e minha Mulher efetuamos esta Visita de Estado a Timor-Leste, este jovem país a que nos ligam tantos e tão profundos laços humanos, culturais e históricos e que nos recebeu com uma calorosa hospitalidade que muito nos emocionou. (D1)

(2) Este ato de generosidade e reconhecimento do jovem país muito nos comoveu. É, por isso, com uma particular emoção que hoje aqui me encontro, no momento em que se lança a primeira pedra das futuras instalações da Embaixada de Portugal em Díli, com a magnífica vista para o mar que nos uniu. (D2)

(3) Não escondo que foi com profunda emoção que pisei pela primeira vez o solo de Timor Leste, a mesma emoção com que hoje me encontro perante os ilustres representantes do povo timorense (D3)

Este parece ser um traço particular das relações Portugal – Timor-Leste, que o discurso do Presidente testemunha: os laços afetivos que unem os povos, a capacidade de os timorenses cativarem os portugueses, tantas vezes testemunhada pelos que tiveram a oportunidade de contactar de perto com aquela realidade. Mas o sentimento só adquire efetivo poder conformador das vidas se sobre ele houver um discurso que o introduza na configuração das relações sociais.

As palavras de circunstância são esperadas e agradecimentos e louvores são artifícios retóricos próprios do género discursivo em causa; além disso, é de supor que os discursos estariam redigidos antes da visita, ao menos em parte; contudo, a afirmação de sentimentos experimentados em primeira pessoa pelo Presidente, de forma insistente e expressa, mesmo que se configurem somente como *topos* retórico, constituem um relativo contraste com a imagem oficial de representação do Estado português. Cavaco Silva afasta-se da figura do Chefe de Estado frio e formal para testemunhar sentimentos intensos, humanizando a sua função e conferindo um cariz pessoal àquilo que serão as relações institucionais entre os dois países.

A reciprocidade é também declarada:

(4) A causa timorense foi sentida pelos Portugueses como sua, numa mobilização histórica que, também ela, ajudou a destruir o “cerco” do “muro de silêncio” de que falava Sophia de Mello Breyner. (D1)

(5) Parecendo a muitos que estavam isolados, a verdade é que os timorenses nunca estiveram sós.

Portugal inteiro uniu-se a Timor, numa sintonia ímpar entre dois Povos, tão distantes geograficamente, mas irmanados numa mesma causa. (...)

O povo português celebrou, há dez anos, a vitória de uma causa pela qual também se havia batido, numa mobilização social, política e diplomática incansável. (D3)

(6) E teve, do outro lado do Mundo, o apoio e a solidariedade de um outro Povo inteiro – a causa timorense foi também uma causa do Povo português. (D5)

Nestes breves segmentos, como noutros, o Presidente lembra a ligação afetiva passada, em particular na última década de ocupação indonésia e imediatamente após o referendo popular de agosto de 1999, que mobilizou fortemente um larguíssimo estrato da população portuguesa e que foi muito além das negociações formais com o ocupante ou as ações da diplomacia nacional. Afirmar que a causa timorense esteve sempre presente entre as preocupações dos portugueses constitui, de alguma forma, a retribuição dos afetos e confirma a ligação mútua.

A referência à celebração da vitória, pelos portugueses, da causa por que se haviam batido significa irmanar os dois povos nessa mesma causa que se torna comum. Configurado como agente na última frase do segmento (5), o povo português ganha intencionalidade e, portanto, mérito na vitória, já que havia sido ativo na causa.

Os valores evocados como comuns e elogiados pelo Presidente são, essencialmente, para além dos que se prendem com o afeto e a hospitalidade atribuídos dos timorenses, os valores cívicos e sociais da organização democrática:

(7) A última eleição presidencial timorense constituiu, aliás, um importante exemplo de democracia e reconciliação. Quero congratular o Povo timorense por mais essa prova de maturidade cívica e de apego aos valores da liberdade e do Estado de Direito democrático.

(...) O objetivo, a que imediatamente se propôs, de transformar o país num estado moderno, próspero e estável, não poderia ir mais ao encontro daquilo que Portugal, tal como os outros membros da CPLP, desejam para este país irmão. (D1)

Neste caso, há que assinalar que o elogio dos valores, por implicação pragmática, se orienta no sentido do seu reforço e constitui uma forma de incentivar o seu respeito. Assim, a sua evocação não só mostra uma faceta do estado atual da sociedade timorense, como dá a ver o quadro de prioridades cívicas de Cavaco Silva e o seu conselho às autoridades e ao povo de Timor-Leste. O elogio dos valores configura, assim, a realização de um ato derivado diretivo não impositivo, que parece ganhar pertinência pelo facto de Timor-Leste ser um Estado independente ainda muito recente, sem maturidade democrática.

Esta dimensão surge igualmente no discurso perante o Parlamento Nacional, num retrato da realidade que integra uma dimensão jussiva:

(8) Se a liberdade e a democracia foram os frutos de uma batalha longa e difícil, a sua consolidação é o propósito de outro árduo combate, que todos os dias desafia os cidadãos e os responsáveis políticos. (...)

O caminho do desenvolvimento exige agora que todos concertem os seus esforços. O regime democrático é aquele que, acomodando os interesses de todos os cidadãos, melhor convoca as forças de uma sociedade para servir os objetivos comuns. É também aquele que melhor garante as condições para a promoção do bem-estar das populações. (D3)

Afirmar que a consolidação da liberdade e da democracia é o propósito de um duro combate não se configura simplesmente como uma asserção, mas pode ser entendido como um enunciado de valor injuntivo, realizando um ato ilocutório derivado diretivo. A evocação do desafio aos cidadãos e responsáveis políticos incorpora igualmente um valor injuntivo, de incentivo à ação, num quadro de valores cívicos e políticos partilhados. A metáfora lexical envolvida na apresentação do “caminho do desenvolvimento” como sujeito e agente da exigência de concertação de esforços dá como partilhada entre locutor e alocutários a mesma conceção de base, estratégia argumentativa que potencia a adesão aos pontos de vista sustentados pelo discurso do Presidente.

O desafio é reforçado, com contornos estéticos e metafóricos, no final do discurso perante o Parlamento Nacional. Após citar o poeta timorense Fernando Sylvan, o Presidente afirma:

(9) Viajar sem medo da viagem é o lema que trouxe Portugal até aqui. Viajar sem medo da viagem é o nosso destino comum, o de Portugal e o de Timor. Pois o futuro pertence àqueles que viajam sem medo da viagem. Que preparam o futuro sem medo de ser livres e com vontade de ser melhores. (D3)

Como pode verificar-se, o desafio intensifica-se. O discurso desafia à viagem, assumindo necessariamente uma orientação prospetiva: a viagem não tanto pelo espaço, mas sobretudo pelo tempo.

Interseccionam-se neste segmento múltiplos *topoi*:

- i. o da viagem, longe na história mas omnipresente na narrativa de afirmação nacional, que levou os portugueses de Quinhentos até ao outro lado do mundo, para além do desconhecido;
- ii. a coragem e o empenhamento que tal empresa exigiu;
- iii. a partilha cultural, alicerçada no passado comum, entre portugueses e timorenses, o que faz destes também participantes da coragem coletiva;
- iv. a noção de destino, com o seu carácter inelutável, mítico-religioso, igualmente marcante na construção da portugalidade;
- v. o elogio da liberdade, especialmente entendida e desejada por povos que recentemente a conquistaram àqueles que lha negavam.

Acresce que há uma provocação incontornável que estas palavras lançam: a de manter a coragem para enfrentar os desafios futuros, assumindo-se como agentes da viagem e decisores do rumo. O desafio, além das suas características diretivas, prevê necessariamente não só a existência de uma dificuldade, mas também a de um prémio, correspondente, pelo menos, à satisfação decorrente da superação dessa dificuldade, feito tipicamente reconhecido e valorizado pelo enunciador do desafio.

Neste caso, o prémio é anunciado: é o “futuro”, alcançável por quem viaja sem temores. E, se ter futuro é uma promessa fundamental para qualquer povo, sê-lo-á de forma mais aliciante

e premente para um Estado que só conta com uma década de vida enquanto tal e que ainda não terá provado definitivamente, para muitos observadores e decisores políticos, que não é um Estado falhado.

Realiza-se, portanto, neste segmento, para além do ato assertivo de superfície, um ato de desafio, com a explicitação do prémio a receber se o desafio for aceite e a prova superada.

Naturalmente, a dimensão diretiva do discurso só pode ser realizada com felicidade se o alocutário reconhecer legitimidade (ou algum outro tipo de poder) ao locutor para realizar atos tão intromissivos quanto estes. Em larga medida, a legitimidade necessária estará ligada à partilha de afetos e valores acima referenciada, que se orienta para a aceitação dos atos diretivos como atos em favor do alocutário. Desta forma, a evocação dos laços que unem portugueses e timorenses constitui, entre outros efeitos, uma estratégia de autorização para a realização dos atos diretivos, a criação ou reforço de um *ethos* ou de uma imagem positiva para o Presidente³.

Ainda dentro da temática ampla dos valores, um recurso retórico do discurso presidencial ganha importância. Trata-se de algo que ocorre por três vezes, em três diferentes discursos: a citação literária.

No primeiro caso, o Presidente cita Sophia de Melo Breyner Andresen, um nome incontornável na literatura nacional e uma vez reconhecida na luta por ideais de liberdade para Portugal e para Timor, em diferentes momentos históricos (ver excerto 4)⁴; no segundo caso, cita Fernando Sylvan (1917-1993), poeta timorense desde a infância radicado em Portugal, recitando perante o Parlamento Nacional de Timor-Leste (D3) um excerto de um poema cujo último verso, “*E comecei a viajar sem medo da viagem*”, dará o mote para o segmento apresentado em (9), acima; e no terceiro caso citará Monteiro Lobato, apresentado como “o grande escritor brasileiro de literatura para crianças” (D6). Sucintamente, aponta-se nesta estratégia a aproximação do economista, frequentemente acusado de ser um político e tecnocrata frio e calculista, à imagem do humanista. Cavaco Silva mostra, no seu discurso, manter o domínio

3. Sobre o *ethos* ou a apresentação de si ver, entre os estudos recentes, Amossy, 2010.

4. Como testemunhou um jornalista do *Público*, durante a visita oficial, a esposa do Presidente, Maria Cavaco Silva, realizou uma visita a uma escola do centro de Díli (a escola do Farol) e entre os atos de acolhimento foram lidos excertos de “O anjo de Timor”, de Sophia, pelos alunos – o que mostra que a poetisa portuguesa é conhecida em Timor-Leste. Aliás, existe uma completa biblioteca em Díli (Taibessi), que contou com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, que ostenta o seu nome.

dos números e da realidade económica (por várias vezes cita quantificações exatas e usa vocabulário técnico do âmbito da economia), mas revela uma faceta erudita e literária, associando-se a um conjunto de valores que, do seu ponto de vista, valoriza a sua figura aos olhos dos timorenses.

2.1.2. COOPERAÇÃO

Referências à cooperação entre os dois países e os dois povos estão presentes em todos os discursos, como se poderá encontrar no exemplo seguinte:

(10) Sei que muito está a ser feito e tenho a certeza de que muito mais continuará a ser realizado no futuro. Será firme a nossa aposta em projetos que promovam o desenvolvimento de Timor-Leste e em ações de interesse partilhado. Aqui, em Timor-Leste, a esperança da cooperação já passou das palavras aos atos. E isso em muito se deve à nossa Comunidade em Timor-Leste e ao Povo timorense. (D5)

Desta forma, o discurso presidencial ganha igualmente uma dimensão promissiva. Sem assumir a realização de ações concretas, garante a continuidade da cooperação, sob diferentes modos.

Neste segmento, o Presidente fala em nome individual e em nome coletivo. Na primeira frase, usa a primeira pessoa do singular, mas não se assume como agente do que “está a ser feito”. O agente não é indicado, mas, nas frases seguintes, o uso repetido do deíctico “nossa” identifica a ação como sendo coletiva, dos portugueses. Enquanto seu representante, Cavaco Silva assume o compromisso em nome de todos eles.

De alguma forma, este é um contraponto e também uma autorização ao caráter diretivo acima identificado no discurso do Presidente: conselho, incentivo, desafio, mas igualmente promessa de apoio para trilhar o bom caminho de edificação de um país e de uma sociedade modernos e democráticos.

2.2. OS DISCURSOS DOS MEDIA

2.2.1. OCORRÊNCIAS

O jornal *Público* (jornal de referência) iniciou a cobertura das comemorações do décimo aniversário da independência de Timor-Leste e a visita do Presidente português no dia 19 de maio, com uma rubrica que o jornal identifica como Destaque, incluindo uma chamada de primeira página e um conjunto de cinco peças entre as páginas 2 e 4: duas notícias, uma entrevista (ao novo Presidente Taur Matan Ruak), uma breve e uma infogravura com mapas e vários tipos de gráficos e valores.

No dia 20, uma manchete e imagem que ocupa toda a parte superior da primeira página da edição redobram a atenção dada (e sugerida) a Timor-Leste. O Destaque espalha-se pelas páginas 8 a 11, ocupado com uma longa entrevista ao Presidente cessante, José Ramos-Horta, que se alonga por três páginas, uma notícia e uma breve; na página 2, o Editorial é dedicado a Timor-Leste.

No dia seguinte, 21 de maio, o tema “Timor” ainda faz manchete e tem relevo de imagem em primeira página, com continuação entre as páginas 4 e 6, com uma notícia e um conjunto de mapas e gráficos, preenchidos com muita informação estatística: desde as taxas de crescimento da economia à esperança de vida, ao índice de desenvolvimento humano, passando pela despesa total em saúde ou a escolaridade média da população, por exemplo.

Finalmente, no dia 22 há ainda uma notícia que ocupa a totalidade da página 11 da edição. Completam-se, assim, 15 peças jornalísticas sobre Timor-Leste: duas manchetes, uma chamada de primeira página, um editorial, cinco notícias, duas entrevistas, duas breves, duas infogravuras.

O diário *Correio da Manhã* (CM, tabloide), oferece à leitura um artigo de opinião de um colaborador no dia 20 de maio, uma breve na sua edição do dia seguinte e uma outra breve na edição de 22 de maio.

Nitidamente, mesmo uma análise superficial como esta sugere que há um relevo diferenciado conferido à questão pelos dois jornais: o de referência confere-lhe grande destaque e aprofunda-o, enquadra a questão, entrevista intervenientes de relevo, expande o assunto nas suas relações com outras questões; o jornal popular confere-lhe uma visibilidade extremamente limitada, quase insignificante, só assumindo alguma relevância o artigo de opinião de um colaborador regular.

2.2.2. SURPRESAS E CONTRASTES

O artigo principal do Público de 19 de maio parte de uma dicotomia de forte contraste, anuncia desde a chamada de primeira página:

(11) Timor, um país pobre com uma conta bancária de luxo (*Público*, 19/5/2012, pp. 1)

Esta contraexpectativa constitui um problema a que, num quadro de normalidade, os artigos subsequentes darão resposta ou solução. Se a enciclopédia do leitor classificar este quadro como estranho, como se espera, a sua curiosidade será aguçada para dar curso à leitura, procurando solucionar a dúvida instalada. De facto, o artigo principal apresenta um parágrafo de introdução (*lead*) que joga com a retoricidade de uma estrutura interrogativa:

(12) Uma década depois, como é que um país que dependia de todos é quase autónomo? (*Público*, 19/5/2012, pp. 2)

E, no segundo parágrafo do texto, surge nova estrutura interrogativa, mais detalhada em informação:

(13) Como é que um país minúsculo, sem quadros nem desenvolvimento, e que há apenas 10 anos tinha todo o seu orçamento de Estado financiado com doações estrangeiras, se tornou tão autónomo? (*Público*, 19/5/2012, pp. 2)

Considerando estas estruturas como perguntas retóricas, assumindo a inversão de polaridade que tipicamente caracteriza tais estruturas e aceitando que a fórmula “como é que...”, neste contexto de retoricidade, tem o seu equivalente declarativo “não há forma de...” ou “não é possível...” (Fonseca, 1993), o seu equivalente declarativo seria:

(12') Em somente uma década, não é possível que um país que dependia de todos ser quase autónomo.

(13') Não é possível um país minúsculo... ter-se tornado tão autónomo.

A tensão criada, fruto do vazio cognitivo associado à contraexpectativa, tem como poder atrair o leitor para o artigo. Este, de facto, apresentará a solução rapidamente, indicando que o fundo petrolífero timorense permitiu o salto evolutivo e justifica a situação paradoxal. Mas, se o artigo parte de um *frame* fraturante, desenvolve-se descrevendo um estado de coisas marcado por alto grau de apaziguamento na vida política timorense em torno da criação e mesmo do uso do fundo petrolífero, indicando um razoável consenso entre as forças políticas e especialistas quanto ao assunto:

(14) Elogiado como um dos três melhores do mundo e exemplar ao nível da transparência, o fundo é particularmente blindado. (...)

Com deve esta conta bilionária ser gasta? Agora, quando metade da população vive abaixo da linha de pobreza, ou mais tarde, quando o país tiver mais *know how* para fazer projetos mas duradouros? (...)

Muitas pessoas ouvidas sobre esta questão, em Portugal e em Timor, concordam e dizem que “no meio está a virtude” (*Público*, 19/5/2012, p. 2)

A modalização operada, pela convocação de uma avaliação muito positiva atribuída a uma entidade alheia, a apresentação sensata das alternativas, assumidamente de difícil escolha, e ainda outras vozes supostamente autorizadas e testemunhando algum senso comum, confere ao tratamento desta questão pelos políticos timorenses um traço claramente positivo. Mesmo a opinião mais conservadora de Mari Alkatiri, apresentada em seguida, acaba por ser apresentada como responsável e séria.

Desta forma, o enunciador constrói uma imagem altamente positiva do Estado timorense, sobretudo em termos dos valores sociopolíticos em causa, marcada por ponderação e capacidade de prever o futuro. Imagem consideravelmente contrastante com a que a imprensa habitualmente retrata os políticos nacionais.

A mesma avaliação positiva, ou “boa imprensa”, é patente nas entrevistas a Matan Ruak e a Ramos-Horta. Os jornalistas não adotam uma atitude agressiva de questionamento e os valores manifestados pelos entrevistados podem até parecer, no quadro conflituoso típico que junta jornalistas e políticos nacionais, algo cândidos ou ingénuos. Veja-se a sequência seguinte na entrevista a Matan Ruak, que reponde a um comentário-pergunta do jornalista:

(15) [Jornalista:] Para quem chega a Díli dez anos depois parece que nada foi feito para combater a pobreza.

[Taur Matan Ruak:] Fora de Díli é muito pior. (*Público*, 19/5/2012, p. 4)

O reconhecimento pelo entrevistado de que fora da capital a situação é pior constitui uma contraexpectativa, uma assunção de incapacidade por parte de um dirigente político, sem restrições ou atenuação, até mesmo com a intensificação da gravidade do quadro traçado pelo entrevistador. Esta é uma honestidade, provavelmente, algo desconcertante.

Outros jogos de contrastes ou contraexpectativas, com efeitos semelhantes, são criados pela manchete e pelo título do artigo da página 4 do *Público* de 21 de maio ou pelo título da breve do mesmo dia do CM:

(16) Presidente de Timor-Leste admite ajudar Portugal (*Público*, 21/5/2012, p. 1)

(17) E se Timor ajudar Portugal? Os presidentes não dizem “não” (*Público*, 21/5/2012, p. 4)

(18) Timor investe em Portugal (*Correio da Manhã*, 21/5/2012, p. 25)

Os três segmentos constroem *frames* contrários às expectativas de normalidade: o que é comum é que Portugal ajude Timor, ou que invista em Timor. A novidade, fundamentada na inversão da direção da ajuda ou investimento, é, em si, justificação para a notícia e motivo de atração do leitor.

De alguma forma, este é também um meio de construção de uma imagem favorável a Timor-Leste: num momento em que Portugal necessita de ajuda, os responsáveis políticos timorenses não a negam.

Do *frame* de *ajudar* decorre o reconhecimento de valores, nomeadamente o da amizade ou da solidariedade. Assim, os timorenses provariam ser amigos, ou solidários, com os portugueses, retribuindo a afeição nacional.

Não sendo Timor-Leste conotado com os grandes interesses económicos internacionais, não sendo publicamente conhecidas ligações ao grande capital, o *frame* ativado por investir, num cenário de discurso público sistemático em torno das dificuldades económicas e de financiamento do Estado, orienta-se no mesmo sentido.

2.2.3. RELATO DO DISCURSO PRESIDENCIAL

A emoção que o Presidente português revelou nos seus discursos, retórica ou sentida, é referida numa caixa de texto da edição de 20 de maio do *Público*. E pode afirmar-se que, para o jornalista, ela terá sido verdadeira:

(19) Cavaco revelou ontem ter ficado emocionado com os milhares de timorenses que o esperavam nas ruas de Díli com bandeiras de Portugal nas mãos depois de ter iniciado a sua primeira viagem oficial a Timor (*Público*, 20/5/2012, p. 11)

O *verbum dicendi* utilizado pelo enunciador para introduzir o discurso (indireto) do Presidente sugere que a sua emoção era verdadeira: o *frame* ativado pelo verbo *revelar* assim o indica. Mais à frente, afirmará que a viagem de Cavaco Silva entre o aeroporto e o centro da capital o “impressionou”, mas que a visão da miséria que circunda Díli o incomodou:

(20) Viu, ainda que só de passagem, o verdadeiro Timor. A miséria que, dez anos após a independência e a entrada no país de mais de mil milhões de dólares do petróleo, ainda cerca o centro da capital e que é impossível esconder. (*Público*, 20/5/2012, p. 11)

(21) Cavaco diz acreditar que “Timor tem futuro” e elogia o trabalho feito em dez anos, mas a visão da miséria extrema deixou-o incomodado. (*Público*, 20/5/2012, pp. 11)

Mais uma vez, o jogo de contrastes entra na retórica do jornalista, na oposição entre o “verdadeiro” Timor, expressão que evoca um outro falso, o das cerimónias formais e dos altos dignitários do Estado; e a pobreza que se opõe aos vultuosos investimentos.

No discurso do jornalista, não é claro se a reação do Presidente à visão da pobreza resulta de uma confissão do próprio ou da observação *in loco* do jornalista. Contudo, parece legítimo supor que se trata da primeira possibilidade, visto ser pouco provável que o jornalista acompanhasse Cavaco Silva de perto no trajeto entre o aeroporto e o centro de Díli. Assim, introduzindo o discurso indireto do Presidente sem dele se distanciar, o jornalista surge como garante da verdade, oferecendo sinceridade à reação presidencial.

Há que assinalar, ainda, e ao nível da reprodução do discurso presidencial (aqui considerando não só o de Cavaco Silva, mas também o de Taur Matan Ruak), uma sintonia entre as duas breves que surgem no CM em 21 e 22 de maio: ambas falam em *investimento*. No primeiro caso, refere-se a possibilidade, aventada pelo Presidente timorense, de haver investimento em Portugal, através da compra de dívida pública; no segundo caso, afirma-se que o Presidente português apelou a mais investimento em Timor-Leste. Assim, o âmbito do interesse jornalístico do CM parece ficar confinado a questões financeiras, sendo ignoradas todas as restantes questões possíveis.

CONCLUSÕES

Em suma, pode afirmar-se que os discursos que marcam o encontro entre Cavaco Silva e os timorenses, sejam responsáveis políticos, empresários ou o povo, dão conta de uma emoção que extravasa as palavras de circunstância e, mesmo que correspondam parcialmente a um *topos* retórico, testemunharão um sentimento efetivo. Os laços que testemunham fundam-se

na partilha da história, mas também na de valores passados e presentes. Asseguram o desejo de manter os vínculos e os aprofundar, a nível cultural (especialmente nas questões em torno da língua) e comercial.

Sendo discursos de louvor pelos progressos e alguma preocupação pelos insucessos, e de incentivo ou conselho a prosseguir em determinado caminho, não são discursos moralistas ou paternalistas. Não parece haver traços relevantes de atitude pós-colonial menorizante, mas uma tentativa de olhar os timorenses como iguais em dignidade.

Os discursos do Presidente constroem para o enunciador uma imagem de estadista, conhecedor do quadro de relações internacionais que no passado dominou a relação de Timor-Leste com Portugal e o mundo e possuidor de uma visão prospetiva sobre essas relações, no quadro da CPLP e no teatro mundial, na defesa da democracia e da boa governação dos povos. Apresentam-no como conhecendo a realidade económica, com um discurso rigoroso nos factos e nos números (com quantificações precisas e vocabulário técnico), mas calibram essa vertente com a evocação de nomes relevantes da cultura (em concreto, da literatura lusófona) e concedem grande importância ao livro como produto cultural, conferindo ao Presidente um lado humanista algo estranho à sua imagem mais comum. Afirmam a defesa de um conjunto de valores partilhados com o povo timorense, resgatados da tradição judaico-cristã e que parecem materializar-se de forma visível no calor de um encontro quase fraterno. Finalmente, assumem um compromisso amplo de cooperação, suportando o ato ilocutório promissivo na presença de numerosos professores portugueses na antiga colónia.

Ao nível jornalístico, de acordo com os exemplos encontrados, Timor-Leste continua a ter uma *boa imprensa*: imagem muito favorável de país pobre, mas precavido para o futuro, com um povo acolhedor e dirigentes imbuídos de sentimentos positivos. Há uma grande partilha e proximidade face aos portugueses, com quem os timorenses estabelecem uma relação de amizade fraternal, que os leva mesmo a considerar investir parte do seu fundo do petróleo em dívida nacional.

Os artigos jornalísticos citam o discurso presidencial de forma relativamente neutra, mas credibilizando como verdadeira a expressão da emoção. Contrariamente ao que tende a ser mais comum no panorama nacional, não procuram confrontar de forma veemente os responsáveis políticos timorenses, não apontam incoerências ou falhas na sua ação de forma agressiva. Criam e exploram situações potencialmente geradoras de perplexidade no leitor, pela inversão de expectativas, provavelmente ao serviço de um efeito de atração para a leitura.

Mas parece que nem toda a imprensa confere à relação entre Portugal e Timor-Leste o mesmo relevo: o tabloide quase a ignora, focalizando essencialmente a questão do investimento financeiro, enquanto o jornal de referência lhe atribui uma importância notável, dando conta de, pelo menos, parte da sua complexidade. Considerando que os dois diários visam públicos diferentes e, como foi brevemente enunciado no início deste texto, que a percepção da realidade timorense é, para a generalidade dos portugueses, uma questão decorrente do discurso público que sobre ela é produzido, sem possibilidade de contraponto com a experiência pessoal ou próxima, com a respetiva capacidade de agendamento e configuração do real, poderá ser legítimo esperar que diferentes estratos da população portuguesa tenham percepções substancialmente diferentes da mesma realidade, em virtude do contacto com narrativas mediáticas diferenciadas.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. La présentation de soi. Ethos et identité verbale. Paris: Presses Universitaires de France, 2010.

CONDOR, S. ; ANTAKI, Ch. Social Cognition and Discourse. In van DIJK, T. A. (Ed.). Discourse as structure and process. Discourse studies. A multidisciplinary introduction, vol. 1. London: SAGE Publications, 1997. p. 320-347.

FONSECA, J. Coerência no Texto. In _____ Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português. Porto: Porto Editora, 1993. p. 181-193.

_____. Pragmática das perguntas Como p, se q? e Como não p, se q?. Revista da Faculdade de Letras do Porto - Línguas e Literaturas, II série, vol. X, Porto, 1993. p. 7-23.

HALLIDAY, M. A. K. New Ways of Meaning: The Challenge to Applied Linguistics. In FILL, A.; MÜHLHÄUSLER, P. (Eds.). The ecolinguistics reader. Language, ecology and environment. London / New York: Continuum, 2001. p. 175-202.